Ensino de Pós-Graduação: o publico e o privado

Simon Schwartzman

Texto apresentado na reunião da Associação de Mantenedoras de Estabelecimentos de Ensino Superior. Hotel Glória, Rio de Janeiro, maio de 1982.

As duas características principais da evolução do sistema de educação superior no Brasil nos últimos 15 anos foram o desenvolvimento do ensino e da pesquisa e o desenvolvi mento da educação privada. Ambos foram espetaculares, e fazem do sistema de ensino superior brasileiro hoje uma realidade completamente distinta do que era antes. Ainda que estes fatos sejam conhecidos, vale a pena reapresentá-los em seus aspectos mais globais.

Em 1965 haviam no país 155 mil estudantes de nível superior, dos quais cerca de 40% matriculados em estabelecimentos de ensino particular. O anuário estatístico de 1980 dá um total de 1.311 mil estudantes matriculados, dos quais 848 mil, ou 65%, em instituições de ensino privado. Dos estudantes em estabelecimentos privados, 600 mil, ou 72%, estudavam em estabelecimentos isolados. Dos 443 mil estudantes no setor público, 366 mil, ou 82%, estudavam em universidades.

Estes dados poderiam ser combinados com outros para demonstrar que a expansão do ensino superior brasileiro nos últimos 15 anos se deu principalmente através do setor privado, e por meio de estabelecimentos de ensino isolados e dedicados principalmente às áreas não técnicas de conhecimento.

A expansão da pós-graduação no Brasil é um fenômeno ainda mais recente, e teve como um dos principais objetivos garantir que o crescimento do sistema de ensino não perderia, e na realidade melhoraria progressivamente sua qualidade. Ele estava associado à idéia de que a existência da pesquisa universitária é um elemento indispensável para a melhoria e manutenção da qualidade do ensino.

O levantamento que a CAPES faz anualmente dos programas de pós-graduação no país registra, para 1982, um total de 741 programas. Destes, somente 6 datam de antes de 1960, 123 foram criados entre 1960 e 1970, e 620 são posteriores a 1970.

Enquanto o ensino superior se expandia principalmente na área privada, a pós-graduação se localizava junto ao ensino público. De fato, cerca de 90%, 671, dos programas de pós-graduação brasileiros estão na área publica, para um total de apenas 78 na área privada.

Além desta diferença de quantidade, os programas de pós-graduação da área privada apresentam algumas características bem distintas dos da área pública:

	área privada	área pública
% de programas em ciências sociais, profissões sociais e letras	62,8%	23,0%
% de programas na área biológica e de saúde	11,6%	34,3%
numero médio de professores em tempo integral	106	17,6%
% de programas com cursos de doutorado	21,8%	35,2%
% com avaliação A ou B da CAPE S	31,2%	54,1%
% com avaliação D ou E da CAPES	41,6%	18,6%
% dos doutorados com avaliação A ou B da CAPES	29,4%	62,8%
% dos doutorados com avaliação D ou E da CAPES	23,6%	14,8%

A interpretação destes dados é clara. Os programas de pós-graduação do setor privado, em contraste com os do setor público, tendem a se concentrar nas áreas não-tecnológicas, são relativamente pequenos, oferecem predominantemente mestrados, e tendem a ter problemas de qualidade, principalmente nos que oferecem só mestrado, que são a maioria. O setor público dá um peso relativamente maior as áreas tecnológicas e biológicas, tem programas maiores, com melhor avaliação, e oferecem proporcionalmente mais doutorados.

Feito este diagnóstico da situação, que conclusões podemos tirar, e que políticas poderemos supor que se fazem necessárias para corrigir eventuais problemas ou distorções que detectamos?

A principal constatação é que o desenvolvimento da pós-graduação e consequentemente da pesquisa universitária no Brasil se deu de forma divergente com o do ensino superior, e isto em dois aspectos: primeiro, a pós-graduação se concentrou na área pública, e a graduação na área privada; segundo, a pós-graduação deu preferência à área tecnológica , enquanto que a graduação crescia principalmente na área social e de letras.

As implicações deste fato para uma política educacional não são nada óbvias, e posso listar pelo menos três conclusões que considero equivocadas.

A primeira conclusão equivocada seria a de supor a pesquisa na área medica, biológica e tecnológica deveria passar a receber menos ênfase, em favor da área das humanidades. Na realidade, este tipo de analise que fazemos aqui, comparando quantidades absolutas, pode levar a um erro grave, que é e o de ignorar as bases sobre as quais o atual sistema de pós-graduação e pesquisa na universidade brasileira que apoia. Todo o sistema atualmente existente é muito pequeno, e necessita crescer. Este crescimento, porém, deve ser incremental, a partir de estruturas sólidas e previamente existentes, sob pena de haver um inflacionamento de todo o sistema e a criação de programas totalmente inviáveis e até mesmo prejudiciais. O que deveríamos examinar com cuidado é se as *taxas* de crescimento dos diversos setores do ensino e da pós-graduação são adequadas. Como a base anterior do setor biomédico e tecnológico é muito maior, é possível que constatemos que na realidade, *o setor social tem tido um crescimento mais acelerado do que o dos demais*.

De fato, a comparação entre as décadas 60/70 e 70/80 mostra que tanto o setor privado quanto o público cresceram 500%, com grandes diferenças entre as diversas áreas de conhecimento:

	Setor Privado	Setor Público
crescimento acima de 500%	Profissões sociais* Profissões biológicas* C Sociais (800) Letras (700) Saúde (600)	Artes* Profissões de Saúde (2500) Profissões Sociais (1350) Educação (1800) Ciências Sociais (940)
crescimento abaixo de 500%	Educação (250) Ciências Tecnológicas (25)	Profissões agroindustriais (400) Ciências Biológicas (260) C. Exatas (236) Profissões Tecnológicas (230)
* criados na década 70/80		

A análise das taxas de crescimento confirma não só que as áreas sociais têm crescido mais, mas que este crescimento tem se dado predominantemente no setor público (aonde há também nova ênfase nas profissões de saúde). O predomínio das áreas tecnológicas e de ciências exatas e biológicas se deve à maior base já consolidada no passado. O exame destas taxas de crescimento, em geral bastante extraordinárias, fazem supor que o sistema de pesquisa e pós-graduação no Brasil não precisa crescer mais de forma acelerada, e sim de consolidar o que já tem.

O segundo tipo de conclusão equivocada seria a de se supor que o ensino brasileiro deveria se voltar muito mais para a área tecnológica e biomédica, e menos para as áreas de humanidades. Na realidade, sabemos que existem hoje problemas sérios de desemprego nas áreas de engenharia e medicina, e que nosso sistema de ciência e tecnologia já encontra dificuldade de contratar os pesquisadores formados pelos programas de pós-graduação. O aumento quantitativo da formação profissional especializada só faz sentido se acompanhado de uma política de criação de mercado de trabalho correspondente; mas o principal problema brasileiro na área de emprego se refere ao pessoal de nível educacional mais baixo, e não aos de nível universitário.

Por outra parte, a área de humanidades desempenha ou pode desempenhar uma serie de funções importantes, que frequentemente são ignoradas. Uma é a formação de professores de nível secundário, que devem ser na maioria da área de humanidades; outra

é a cultura geral que deve proporcionar a um numero crescente de pessoas que busca na Universidade uma formação genérica de tipo *liberal arts*, e não um diploma profissional. Existe uma transformação importantíssima a ser feita em nosso sistema de ensino superior, que é acabar com a proliferação de semi-profissões de nível universitário, e substituir os cursos respectivos por programas formativos de tipo mais genérico, que pudessem ser combinados com cursos de pós-graduação estritamente profissionalizantes, em nível de mestrado.

A terceira conclusão equivocada seria a de que o setor privado deveria incrementar substancialmente sua atividade de pós-graduação e pesquisa. Isto é equivocado porque é equívoco pensar que a união entre ensino e pesquisa deve existir, não no sistema universitário como um todo, mas em cada uma de suas partes. Na realidade, em todas as partes do mundo a pesquisa científica se concentra em algumas partes mais especiais do sistema universitário, seja ele publico ou privado, e em instituições dedicadas à pesquisa e não ao en sino. Enquanto isto, a grande maioria dos estabelecimentos de ensino, sejam eles públicos ou privados, se dedicam primordialmente ao ensino.

No Brasil, uma parte substancial da proliferação indevida da pós-graduação de tipo acadêmico nas universidades na ultima década se explica pela idéia, sem dúvida equivocada, que toda pós-graduação deve implicar pesquisa, e que todo o ensino superior precisa das duas para manter e melhorar sua qualidade. Na realidade, é possível pensarmos em pós-graduação de tipo profissional, que deveria coroar cursos universitários de formação mais básica e geral; e existem muitas maneiras de pensar em mecanismos pelos quais professores universitários adquiram conhecimentos modernos e formação adequada para suas responsabilidades didáticas sem precisarem se transformar, eles mesmos, e à força, em pesquisadores.

A que conclusões chegamos? Podemos resumí-las em alguns itens:

- A pós-graduação e pesquisa no setor privado é muito menor e de qualidade inferior, do que no setor público; além disto, ela se concentra na área de humanidades.

- Este sistema de pós-graduação privado não precisa ser profundamente alterado, nem em sua ênfase nas humanidades, nem em suas dimensões reduzidas. O que é importante é

que melhore a qualidade do que já existe, e que sejam deixadas de lado tentativas artificiais de ampliação desnecessária da pós-graduação.

- Existe um problema geral com o ensino de humanidades em nível superior, que afeta não só o setor privado como o público, e que talvez pudesse ser encaminhado com a criação de programas de graduação de formação geral (*liberal arts*) e pós-graduação profissionais. Se evoluirmos para um sistema deste tipo, da questão da pós-graduação no setor privado devera se colocar, não como uma parte da atividade científica, mas diretamente como uma dimensão adicional e importante de sua tarefa educacional.